

Morin Edgar O Enigma dos Homens
para uma nova antropologia
Río de Janeiro: Zahar, 1975.

3

"Nossos Irmãos Inferiores"

O ESTUDO DOS GRUPOS de macacos e de antropóides em liberdade deu-nos uma nova visão de sua vida social e até mesmo de sua vida em geral¹ (Carpenter, De Vore, Washburn, Itari, Chance, Kawamura, Tsumori etc.). O grupo dos babuinos, dos macacos, dos chimpanzés já não é a horda submissa à tirania desenfreada do macho polígam, mas sim uma organização social com diferenciação interna, intercomunicações, regras, normas, proibições.

A Sociedade do Macaco

Estas sociedades são territorializadas e, além disso, auto-reguladas demograficamente, consistindo, agora, num número médio de indivíduos da ordem, por vezes, de várias dezenas e de uma repartição relativamente invariante segundo o sexo e a idade. Há exclusão ou êxodo dos excedentes, isto é, seja dispersão solitária, seja fundação de colônias autônomas.

O tipo de sociedade varia não só segundo a espécie, mas também segundo o meio ambiente. Assim, já foi possível diferenciar ou até mesmo opor as sociedades de floresta (chimpanzés) às sociedades de savana (babuinos) e, por vezes, até as sociedades de floresta e de savana no seio de uma só espécie. As sociedades de floresta, em que a vida arbórea apresenta uma grande segurança, são descentralizadas e a liderança parece ser adquirida mais pelo "Está vendo como sou" exibicionista ou, para usar a ex-

pressão de Chance, por qualidades "hedônicas". As sociedades de savana são centralizadas, com a categoria hierárquica sendo obtida de modo "agonístico" (Chance, 1970), com os subordinados tendo sempre a atenção fixa no chefe macho, o qual adquire o poder em função de sua agressividade ou "desejo de poder".

No seio dessas diversas sociedades (babuinos, macacos, chimpanzés), esboçam-se delimitações muito nítidas entre os machos adultos, as fêmeas e os jovens, indo até à constituição de castas (machos adultos), de turmas ou bandos (jovens), de gineceus. Trata-se não só de uma diferenciação hierárquica, mas também de uma diferença de estatuto, de função, de atividades, o que nos indica que estamos na presença de um embrião de classes biossociais. Assim, os machos protegem o território, dirigem a luta contra os inimigos, guiam o grupo, mantêm a estrutura hierárquica (afastando os jovens, conservando-os o máximo possível de tempo na sua categoria de menores, impedindo-lhes, muitas vezes, o livre acesso às fêmeas). As fêmeas, por seu lado, não só se dedicam aos cuidados maternais para com os mais jovens, mas também se encaram regam da socialização de seus filhos. Os jovens, marginalizados, brincam, aprendem, exploram e, por vezes, inovam. As fêmeas constituem o núcleo de estabilidade e de coesão social. Por outro lado, na cúpula do poder, há instabilidade e competição, seja larvada, seja aberta; mais cedo ou mais tarde, um macho dominante será vencido e substituído por um novo líder. Os jovens marginalizados encontram-se, de outra forma, numa situação instável, entre a exclusão e a integração.

- As relações de dominação/submissão regulam as relações hierárquicas entre as "classes" e, também, entre indivíduos. O princípio da dominação é complexo; não é nem a potência sexual, conforme se pensou durante muito tempo, nem a força física pura, nem a inteligência, só por si, que impelem para o poder e o obtêm. Dado que a potência social proporciona plenos poderes, sexuais e políticos², permitindo o livre desabrochamento pessoal, podemos supor que aquilo que impõe para a frente é uma mistura obscura e variável, muito difícil de analisar, tal como entre os humanos. O exercício do poder, em si, conforme já foi dito, oscia entre os dois pólos da agressividade e do exibicionismo. No primeiro sentido, o chefe mantém sua autoridade pela intimidação, a mímica de

¹ Que já se acreditava conhecer desde os trabalhos de Yerkes e S. Zuckerman.

ameaga (*threat behavior*); no segundo sentido, pela evocação histrônica de sua presença e de sua importância.

A subordinação ainda é mais complexa do que a dominância, já que se trata, para o subordinado, de suportar seu destino com o mínimo possível de danos. Manifesta-se pelo comportamento de evitação, no qual o subordinado se esforça por não se encontrar no caminho do chefe, por comportamentos de submissão, de complacência, de servilismo, de servicalismo (assim, o inferior que apresenta seu posterior ao macho dominante, à maneira de uma fêmea, imita a feminilidade e representa a homossexualidade para manifestar seus maiores dedicados e respeitosos sentimentos).

Existe uma atitude ainda mais notável, embora pareça bastante rara (Itani, Rowell, Hinde, Spencer, Both) em que, seja uma fêmea de categoria média, sem filho, seja um macho igualmente de "classe média", se oferecem para proteger e acariciar os filhos de uma fêmea de categoria superior. O servicalismo dessas "tias" e "tios" temporários parece dissimular seja o servilismo, seja a pequena ambição de subir um degrau em categoria, seja o prazer de estar ao serviço de uma alta personalidade, seja, até, tudo isso ao mesmo tempo. De resto, há sempre, dispostos na periferia, por vezes indivíduos temporariamente solitários, por vezes pequenos grupos de semi "delinqüentes" rejetados, desviados, marginais. Por vezes, também, um rejeitado, no exílio, associa-se a um companheiro ao lado do qual vai lutar com vistas à ascensão social.

Conforme acabamos de verificar, não há apenas a hierarquia coletiva de "classe", existe, também, a hierarquia individual de "categoria" que se estabelece em função da relação de ameaça/evitação ou de servilismo e, entre as fêmeas, em função da categoria de seu macho. A cada categoria, corresponde um estatuto, isto é, um conjunto de direitos e de deveres: a cada categoria e estatuto corresponde um papel, isto é, um estilo de comportamento que não está ligado imutavelmente a um indivíduo, mas que depende da situação ocupada na categoria e na "classe" social. Tal como disse Crook, "é possível descrever um comportamento social de primata em termos de estatuto, de idade e de sexo, de papel e afiliação num grupo tipo" (Crook, 1971, p. 39).

De tudo isto, destacam-se duas consequências, que são,

meira é a de desigualdade social, a segunda é a de mobilidade social.

Para começar, principalmente quando a hierarquia é rígida, a desigualdade social é uma verdadeira desigualdade de vida; na casta elevada, os indivíduos têm uma grande liberdade de movimentos, a faculdade de realizar seus desejos e seus prazeres com muito poucas inhibições. O poder já lhes dá todas as vantagens, todas as liberdades e, principalmente, o livre desabrochar pessoal. Nas categorias muito baixas, a subordinação é acompanhada por sujeições, frustrações, proibições, inhibições, talvez mesmo "neuroses". Assim, a desigualdade também é de certo modo, a desigualdade da felicidade. Esta é muito menos forte nas sociedades descentralizadas de floresta e muito mais opriente, pesada, dura, nos bandos militaresizados das savanas.

Em segundo lugar, esta desigualdade é temperada por uma relativa mobilidade social, os jovens tornam-se adultos e os adultos ficam velhos, isto é, decádios; mas a idade não é um fator automático de promoção; há uma grande diversidade de categorias e de destinos individuais na ascensão e na decadência sociais.

As sociedades dos babuinos e dos chimpanzés apresentam caracteres de hierarquia, de castas, de quase-classes e, também, de diversidade e de variedade muito mais amplas do que jamais se pudera imaginar. Por outro lado, aquilo que, inicialmente, se concebera como o núcleo primeiro da sociedade, a família, não se encontra desenrolvido de todo.

Enquanto, por um lado, os grupos de um só macho constituem, em certas espécies, algo como um esboço rudimentar tanto da sociedade quanto da família, no grupo de vários machos, por outro lado, a formação da família é atrofiada, para benefício da organização social de conjunto. Há ligação entre mãe e filho, entre macho e fêmea, mas não existe núcleo familiar pai-mãe-filhos, não existe relação entre genitora e progenitura, também não se verifica; observações realizadas entre os macacos de Kyusuru e as sociedades de chimpanzés não revelaram qualquer união

⁴⁴

incestuosa mãe-filho. Não poderíamos ainda considerar que se trata de um fenômeno generalizado, mas podemos supor, sim, que, no caso em que a mãe não esquece que seu filho quando atinge a maturidade sexual é seu filho e no caso em que o filho, ao atingir a maturidade sexual, não esquece que sua mãe é sua mãe, existe uma inibição, cuja natureza evidentemente terá de ser elucidada, mas que parece ligada, de todos os modos, à existência, já, de um estatuto e de um papel (de filho, de mãe) que persistiriam depois da infância. Por outro lado, há “objetivamente” (mas não “sociologicamente”), já que a relação de pai não emergiu possibilidade de incesto entre pai e filha, e este incesto deve ter sido praticado, sem dúvida, até o aparecimento da noção de pai, muito tardivamente na hominização; na realidade, a mutação decisiva que reduz de 48 (antropóide) para 46 (homem) o número de cromossomos supõe, por sua própria consolidação e sua generalização, uniões incestuosas pai-filhas (Ruffié, no prelo). Todavia, em volta da relação mãe-filhos, tecem-se elos mais profundos e mais duradouros do que entre os mamíferos e os primatas inferiores. A prolongação do período de infância resulta na prolongação, além da própria infância, das relações afetivas maternais e filiais; além disso, entre os chimpanzés e talvez até entre outras espécies, há ligações pessoais que emergem entre irmãos e irmãs. Assim, há desenvolvimento de um núcleo pré-familiar em volta da mãe, mas não de um núcleo familiar trinitário pai-mãe-filhos.

Se, por um lado, a formação do núcleo familiar é mais rudimentar, por outro, a emergência da individualidade é muito maior do que se acredita. Por um lado, a grande diversidade social dos papéis e dos estatutos permite o desabrochamento da diferença individual no comportamento; reciprocamente, contudo, o desenvolvimento da individualidade, tanto no plano da inteligência, quanto no da afetividade, permite a diversificação e o enriquecimento das relações sociais. Notemos, aqui, a importância e a diversidade das relações afetivas entre indivíduos. Assim, o espiohabituamento, o lustre (*grooming*) são manifestações de afetição, que, de resto, são utilizadas no comportamento de apaziguamento ou de servilismo (“sejamos amigos”). Há amizades que se formam entre adolescentes, entre “ex-cludivos” ou marginais, entre pares da casta superior. Simetricamente, a coexistência social e não apenas o anta-

gonismo latente entre castas, alimenta antipatias, inimizades, rivalidades, com a fonte dos conflitos permanecendo, embora estes encarem seu modo de apaziguamento na religião de submissão, de servicalismo ou de servilismo, até mesmo no rito de espiohabituamento e de lustre.²

Assim, destacam-se nitidamente linhas de força, umas simpáticas e outras antipáticas, que vão colorir de modos muito diversos as relações entre indivíduos. A origem das primeiras está, sem dúvida, na conservação da selva afetiva da infância, na vida adolescente e, por vezes, também na adulta, bem como sua transferência para novos companheiros, por meio de afinidades eletivas. A origem das segundas encontra-se, provavelmente, nas competições repulsivas entre machos, muito frequentes e fortes entre os mamíferos, nos “clíques” entre fêmeas, que a relação hierárquica estabiliza mais ou menos sem as reabsorver verdadeiramente. Há dois tipos de comportamento, portanto, ambos ligados na sua origem ao aspecto da reprodução biológica (atração mãe-filho, repulsa de macho a macho), que se espalham e se transformam, um mais na vida adolescente e o outro mais na vida adulta, com os dois indo constituir o conjunto dos elementos da individualidade complexa e da sociedade complexa, em que as relações se diferenciam e se constroem a partir e além da esfera da reprodução biológica.

O Ambissistema: Indivíduo e Sociedade

Será necessário tentar compreender, agora, esta unidade complexa da sociedade e da individualidade dos primatas mais evoluídos?

A diversidade e a variedade dos indivíduos alimenta a diversidade dos papéis e dos estatutos, alimentando a sociedade em postulantes chefes, servidores, desviados, marginais; não se dispersa ao acaso (o que desorganizaria a sociedade por entropia), mas integra-se na hierarquia e

² Notemos que a complexidade também se manifesta como diversidade e variedade no próprio determinismo social: a mesma lei não reina para todos, já que, na cúpula, se vive acima da lei à qual estão sujeitos os subordinados, que os marginais vivem nas fronteiras da lei e que até mesmo os solitários são expulsos ou se colocam “fora da lei”. Não há determinismo estrito ao nível microssocial das atrações/repulsões, ainda que o conjunto obedeça a um determinismo global.

no papel de modo semi-aleatório, o que dá uma certa flexibilidade auto-organizadora (ordem/desordem). Digamos, mesmo, que a diversidade individual, em certo sentido, co-produz a diferenciação hierárquica do estatuto e da categoria, na qual se insere. Mas, nessa co-produção, a sociedade dispõe de padrões transindividuais, em especial a classe e o papel, que permanecem estáveis, enquanto os indivíduos transitam, da adolescência à idade adulta, e à velhice, de uma classe para outra, de um papel para outro, sobem e, depois, voltam a descer a escala hierárquica da categoria. Trata-se, portanto, sem dúvida, de uma estrutura social "objetiva" independente dos indivíduos, embora não possa existir sem os indivíduos e embora seja a diversidade individual que lhe dá a diversidade; reciprocamente, dá aos indivíduos uma certa independência, já que estes não só podem circular, eventualmente, na hierarquia, como também não se identificam exatamente a seu papel social.

A sociedade dos antropóides avangados, assim, controla os indivíduos por meio de suas sujeições e de suas hierarquias, mas não uniformiza as individualidades e permite-lhes desenvolver relativamente suas diferenças. Quando a hierarquia é rígida e autoritária, só os privilegiados da cúpula, e até mesmo só o chefe, é que podem desabrochar sua própria individualidade.

Desse modo, sociedade e individualidade aparecem-nos como duas realidades, que são, ao mesmo tempo, complementares e antagonicas. A sociedade maltrata a individualidade, impondo-lhe seus estatutos e suas sujeições, e oferece-lhe, ao mesmo tempo, as estruturas que lhe permitem manifestar-se. Utiliza, para sua variedade, a diversidade individual, a qual, se assim não fosse, se dispersaria ao acaso na natureza, e, por outro lado, a variedade individual utiliza a variedade social para procurar desabrochar. Assim, ao nível da sociedade primática, já não podemos apresentar a sociedade como um simples enquadramento e o indivíduo como uma unidade que se arruma numa estante, já que o enquadramento é constituído pelas relações interindividuais e já que não há estante vazia, enquanto não houver indivíduo para ocupá-la. Por outras palavras — e isto é capital — sociedade e individualidade não são duas realidades separadas, que se ajustam uma à outra, mas há um ambissistema em que, complementar-

e contraditoriamente, indivíduo e sociedade são constitutivos um do outro, embora se parasitando um ao outro.

Do ponto de vista da sociedade, a inserção do indivíduo não é estritamente funcional, há muito "ruído", desordens, desperdício, e, se tomarmos a sociedade mais individualizada, a dos chimpanzés, há sempre muito tempo e muitas agitações que parecem uma "perda" para a sociedade, da mesma forma como vemos nas sociedades humanas um prodigioso desperdício de atos, palavras, brincadeiras etc., sem "utilidade" social. Mas esta agitação browniana, epifenomenal (esse "ruído"), é, ao mesmo tempo, um aspecto da riqueza metabólica do ambissistema, que se exprime através da intensidade das relações afetivas, de mil pequenas satisfações individuais, de mil florescências, de mil nadas. Inversamente, do ponto de vista do indivíduo, as sujeições sociais de todas as ordens intervêm sem cessar como "ruído", perturbando sua livre expressão e seu pleno desabrochar.

Existe, portanto, no ambissistema, equívoco e "ruído" de um em relação ao outro. Mas, através destes movimentos demasiado desordenados, por um lado, dessas sujeições demasiado rígidas, por outro, estabelecem-se as inferências que constituem o próprio ser da sociedade e o próprio ser do indivíduo. A complexidade está, portanto, nesta combinação indivíduo/sociedade com desordens e incertezas, na ambigüidade permanente de sua complementariedade, de sua concorrência e, no máximo, de seu antagonismo.

Vemos nitidamente manifestar-se, aqui, uma característica de complexidade lógica que se estende às sociedades humanas: a relação entre indivíduos, tal como a relação do indivíduo para com o grupo, é comandada por um princípio duplo de cooperação-solidariedade, por um lado, e de competição-antagonismo, pelo outro. A relação de indivíduo para com indivíduo, por vezes solidária, e outras vezes conflitante, alimenta o duplo princípio complementar/antagônico da organização social, que se afirma, na sociedade antropóidea, com mais complexidade do que nas outras sociedades de primatas. De resto, vemos manifestar-se, ao nível sociológico, aquele fenômeno que tanto chamarava a atenção de Hegel, que admirava o fato de o indivíduo que acredita trabalhar para seus fins pessoais estar sujeito, na realidade, a um "ardil da razão" que o faz trabalhar objetivamente para o interesse coletivo;

esta conjugação, é certo, não é mais harmoniosa entre os primatas do que entre os humanos e a combinação entre o egocentrismo individual e o sociocentrismo coletivo é sempre bastarda, incerta, aleatória. Precisamos de ver aquilo que a muito bela, mas demasiado simples Razão hegeliana esconde: a ação egossociocêntrica nem sempre é realizada para o bem da coletividade. Há sempre uma relativa e incompleta integração das agressões, dos impulsos, dos conflitos na hierarquia, na categoria, no estatuto, na solidariedade geral. Mas esse caráter ‘bastardo’ é certo, essa ordem que se alimenta da desordem para sua própria organização, sem jamais conseguir despojá-lo, nem reduzi-lo totalmente, isso é o sinal, o próprio *índicio da complexidade*.

A Relação Complexa: Espécie-Indivíduo-Sociedade

A relação ambígua indivíduo-sociedade deve ser introduzida numa relação ternária espécie-indivíduo-sociedade, ela própria ambígua. Existem características genéticas próprias aos primatas sociais avangados que têm relação com o desenvolvimento do cérebro, com múltiplas predisposições intelectuais, afetivas, comunicacionais, com um jogo tornado sutil entre o inato e o adquirido, com o enfralhamento da intolerância entre machos, de maneira que essas diversas características lhe permitem organizar-se socialmente e desenvolverse individualmente do modo que já vimos.

Os três subgrupos adultos, machos/fêmeas/jovens, são biocastas e quase bloclasses, cuja separação, complementariedade e oposição têm sua origem na diferenciação biológica. Mas a organização social não é a pura tradução das diferenças de sexo e de idade; é mais, por certo, a diferença biológica stricto sensu de idade e de sexo, que é utilizada para e pela diferenciação social. Conforme já vimos, a vida social extrai, das relações biológicas fundamentais de reprodução preexistentes (sexualidade, ligação mãe-filho, incompatibilidade entre machos), uma simbólica que ela transporta além e acima, para nela desvolver sua própria organização. Assim, a simbólica da relação sexual é utilizada entre machos para a submissão e o servilismo (apresentar o posterior); a simbólica da relação mãe-filho é utilizada para e pelas relações amigá-

veis ou de apaziguamento (lustre, espiolhamento, carícias, apalpamentos diversos). Mais amplamente, o calor afetivo do universo maternal-infantil tende a estender-se à adolescência e já, por vezes, um pouco além dela; a intolerância sexual entre machos tende a metamorfosear-se em fundamento competitivo da hierarquia social.

Além disso, há uma ação complexa que se efetua entre reprodução biológica e autopropagação (isto é, autopropagação permanente) da sociedade. Uma depende da outra e vice-versa, mas uma não pode ser considerada hierarquicamente sujeita à outra. Assim, a sociedade protege a reprodução biológica da espécie, mas a auto-reprodução biológica mantém a perpetuação da sociedade. Nenhuma delas é verdadeiramente a finalidade ou “função” da outra. Desse modo, há ambissistema biossocial e, se inserirmos nele o ambissistema sócio-individual, teremos um trissistema ambíguo. No indivíduo, já não há uma rigorosa conjugação entre procriação e prazer sexual, o qual pode mesmo emancipar-se na masturbação. Por outro lado, devemos repetir, o calor mamário da primeira infância constituirá a placente das simpatias, ternuras e amizades da vida adolescente e até mesmo já um pouco adulta (isso será a fonte da sentimentalidade humana). Existe, pois, não uma categorização rígida e uma fronteira clara entre o biológico, o social e o individual, mas sim, ao mesmo tempo, unidade e pluralidade, confusão originária e distinção nos desenvolvimentos. Não há integração perfeita, funcionalidade sem equívoco, mas sim, ao mesmo tempo, complementariedade, concorrência e, no máximo, antagonismo entre esses três termos. A sociedade e o indivíduo estão ao serviço da espécie, a espécie está ao serviço da sociedade e do indivíduo, mas de um modo complexo, com uma zona de ambigüidade, de contradições, de indecisabilidade. E são, de fato, essas ambigüidades, essas contradições e essa indecisibilidade que a humanidade levará a um nível ainda nunca conhecido.

Complexidade e “Contradições”

A sociedade dos primatas avançados constitui um sucesso de integração complexa de elementos muito acentuadamente diversificados, cujas complementariedades não só ela combina, como também utiliza e vence os antagonismos na sua autoprodução permanente.

É certo que todo um aspecto da complexidade social se exprime através dessa relação de competição/hierarquia entre indivíduos machos, bem como entre machos adultos e jovens. Mas, ao mesmo tempo, esgota-se nela, com essa vigorosa competição só podendo resultar numa hierarquia rígida ou, então, na dispersão fatal. Conforme veremos, a sociedade hominídea só poderá progredir em complexidade reduzindo simultaneamente a competição e a hierarquia entre machos, isto é, desenvolvendo nestes cooperação e amizade, bem como estabelecendo pontes afetivas interindividuais entre adultos e jovens.

Todavia, a integração social dos primatas avançados já é complexa no sentido em que comporta antagonismos e desordem, que não são unicamente detrito que a organização expelle, mas sim elementos parcialmente constitutivos da própria organização. A cooperação e a complementariedade não são noções que se opõem obrigatoriamente (ontologicamente) às competições, aos conflitos, aos antagonismos, mas constituem com estes como que dois polos oscilatórios através dos quais se constitui a organização social. Esta ambiguidade de princípio encontra-se em todos os níveis; as relações interindividuais, conforme já vimos, oscilam entre o *matching* e o *fitting*, com ambos conjugando-se para manter a rigidez da hierarquia e a mobilidade social dos indivíduos; existe, dissemos, antagonismo potencial e, ao mesmo tempo, complementariedade potencial entre o indivíduo que persegue seus interesses pessoais e o interesse da organização coletiva. Contudo, também dissemos, este sistema não é tão harmonioso quanto Hegel o sonhara, já que impõe não só grandes desperdícios, mas também grandes sacrifícios, grandes frustrações, entre aqueles que se encontram na parte inferior da escala social. Isso equivale a dizer que o princípio da hierarquia tem duas faces: uma face integrativa e uma face de exploração do macaco pelo macaco. Conforme veremos, herdamos raízes de desigualdade social, o que torna este problema não insolúvel, mas radical.

As relações entre dominância/cooperação, conflito/solidariedade no seio da sociedade são muito variáveis segundo as espécies e as condições ecológicas. As sociedades de floresta, constituem, em princípio, sociedades menos centralizadas, menos hierarquizadas, em que os antagonismos individuais e coletivos são menos violentos. Mas, de todos os modos, há antagonismo latente entre o grupo

central dominador e o grupo marginal juvenil, com o antagonismo, em certos casos, solucionando-se pela exclusão do desviado ou a decadência do poderoso.

Assim, a sociedade dos primatas mais evoluídos já está sujeita a “contradições”, mas essas contradições são diversamente — e ao mesmo tempo — condigões de sua complexidade e obstáculos ao progresso dessa complexidade.

Existem sempre, numa tal sociedade, forças de desordem em ação, que não são apenas entropias individuais (senescência e morte), mas entropias propriamente sociais, devidas à parte de eventualidades individuais que a sociedade deve reabsorver e aos antagonismos organizacionais que são, de resto, necessários a sua complexidade. Mas, devemos repetir, a desordem (comportamentos aleatórios, competições, conflitos) é ambígua: é, por um lado, um dos constituintes da ordem social (diversidade, variedade, flexibilidade, complexidade), mas, por outro lado, permanece, ao mesmo tempo, desordem, ou seja, ameaça de desintegração. Aqui, uma vez mais, a ameaça permanente mantida pela desordem é aquilo que dá à sociedade seu caráter complexo e vivo de *reorganização permanente*. Radicalmente diferente da ordem mecânica, a ordem “viva” é aquela que renasce sem cessar. Com efeito, a desordem é sem cessar seja esponjada pela organização, seja recuperada e metamorfoseada no seu contrário (hierarquia), seja expelida para fora (desvio) ou mantida na periferia (faixas marginais de jovens). Sem cessar expelida, rejeitada, recuperada, metamorfoseada, a desordem renasce sem cessar e a ordem social, por vezes, renasce sem cessar. E sis onde aparece a lógica, o segredo, o mistério da complexidade e o sentido profundo do termo auto-organização: *uma sociedade autoproduz-se pelo fato de se autodestruir sem cessar*.

A Emergência de uma Protocultura

Neste processo, emergem timidamente pequenas inovações que podem ser integradas no comportamento social e que podem ser consideradas antecedentes dos fenômenos de inovação, integração e transmissão culturais próprias às sociedades humanas. O estudo contínuo dos macacos da ilha de Kyushu permitiu detectar alguns desses fenômenos. Um grupo de macacos que vivia na orla da

floresta tinha o costume de se alimentar de tubérculos, que eles limpavam com a mão, depois de os terem desen-terrado; accidentalmente, um jovem aproximou-se da mar-gem e deixou cair um desses tubérculos no mar, apanhou-o e, assim, descobriu que a água do mar não só poupava a limpeza manual, como também apresentava a vantagem do tempero. Esse jovem adotou o hábito de molhar seus tubérculos no mar, sendo imitado por seus companheiros, mas não pelos mais velhos; contudo, o hábito generalizou-se no decorrer da geração seguinte. Os macacos, a partir de então, ampliaram seu espaço social, incluindo nele a beira d'água, o que resultou na integração de pequenos crustáceos e mariscos na sua alimentação. O enriquecimento de "cultura" dessa sociedade, isto é, as práticas e os conhecimentos de caráter não-inato, se processou de inovação viera de um jovem e espalhou-se rapidamente pelo grupo marginal dos jovens. Com a suprida dos jovens para a classe dos adultos, a inovação integrada tornava-se costume, trazendo consigo uma série de pequenas inovações que também se tornaram costume. É certo que se trata de um fenômeno menor e as modificações desta ordem na vida social até mesmo das primatas mais evoluídos são mínimas, sem dúvida, num mesmo nicho ecológico. Mas podemos ver que a existência do grupo dos jovens, curioso, brincalhão, explorador e, ao mesmo tempo, marginal e desviado, constitui, para a totalidade da sociedade, uma fronteira aberta, através da qual podem emergir elementos de mudança.

A fonte da mudança é, aqui, um acontecimento aleatório que, logo que seu caráter prático e agradável é apreendido, se transforma em inovação, a qual se torna progressivamente costume. As condições da inovação são comportamentos desviados, ao acaso, freqüentes entre os jovens, isto é, do ponto de vista da integração social, do "ruído" ou desordem. Nós podemos captar ao vivo a transformação de um "ruído" em informação e, também, a integração de um elemento novo, fruto de um comportamento aleatório, na ordem social complexa. Estamos no limiar da evolução sociocultural.

A Mensagem do Chimpanzé

Entre todos os primatas vivos, o mais próximo do homem, é o chimpanzé. O es-

tudo de J. van Lawick-Goodall (1971) trouxe-nos um depoimento de valor primordial sobre uma sociedade de chimpanzés em liberdade. O chimpanzé é onívoro e, ocasionalmente, é carnívoro. Ocasionalmente, pratica a caga, então, pode-se ver manifestar-se, ao mesmo tempo, a cooperação e estratégia de cerco e de diversão na caga dos pequenos potamorqueros. O chimpanzé serve-se ocasionalmente de cacetes que brande contra um adversário de outra espécie e, ocasionalmente, fabrica um instrumento, isto é, modifica um objeto natural como aquela espécie de canudo que ele introduz na termiteira para aspirar as térmitas. Ocasionalmente, caminha ou corre sobre seus membros posteriores. Assim, conforme Moscovici notou perfeitamente, o chimpanzé manifesta, ocasionalmente, esporadicamente, algumas características até então consideradas específicas da espécie humana, pelo fato de tais características se terem tornado, no homem, centrais e permanentes: a caga, a técnica, o bipedismo.

No chimpanzé, a relação infantil para com a mãe é particularmente longa: 4 anos. A puberdade manifestase relativamente tarde, aos 7-8 anos, e a adolescência social dura mais 7-8 anos. Os sentimentos de afeição, de ternura e de amizade parecem, nele, particularmente duradouros. O filho conserva durante muito tempo, talvez até à sua morte, uma relação específica com a mãe; o irmão e a irmã criados juntos permanecem amigos durante toda a vida. O chimpanzé leva para a esfera das amizades adolescentes as manifestações de terrura: abraçados, protobejos (*Lips-smacking*). A sua mão, tal como no homem (o que se esquece muitas vezes), é um instrumento de comunicação afetiva: carícias, aperto de mãos; até se podem ver dois amigos juvenis passearem de braços dados.

O chimpanzé não só é afetuoso, é profundamente afetivo e isso também o aproxima do homem: é emotivo, ansioso, brincalhão; entra facilmente em ressonância com a vida do meio ambiente e vê-se emergir nele, nas esquinelhas dos “carravais” (Reynolds), a instrumentação rítmica e a dança.

O desenvolvimento da afetividade acompanha (está mesmo ligado a ele, pensamos) o desenvolvimento da inteligência. Já há muito tempo se notara a facilidade de adaptação do chimpanzé a condições de vida muito diferentes, traduzindo-se por múltiplas manifestações de en-

genho social

geniosidade. Foram praticadas, em laboratório, experiências famosas em que o chimpanzé solucionava problemas, como alcançar uma banana aparentemente fora do seu alcance. Todavia, foi preciso aguardar o fim dos anos 60 para que dois tipos de experiência, a de Premack (1971) com Sarah, a dos Gardner (1969, 1971) com Washoe, nos revelassem aptidões intelectuais invisíveis para o observador ou inexploradas nas condições naturais de sua existência social. Todas as tentativas para ensinar a linguagem humana a jovens chimpanzés tinham fracassado até então e a teoria reinante era que o chimpanzé não podia dispor da aptidão cerebral para a linguagem. Os Gardner ensinaram a Washoe os rudimentos de uma linguagem por gestos com base na dos surdos-mudos. Premack ensinou a Sarah uma linguagem por meio de sinais inscritos em fichas. Com apenas 5 anos de idade, Washoe já dispunha de um repertório de 550 símbolos (entre os quais: vamos, doce, sujo, abrir, brinquemos de esconder) que ela utilizava, constituindo frases segundo uma sintaxe elementar. Da mesma forma, Sarah podia dialogar com Premack, compondo frases com sinais. Foi revelado, então, que aquilo que falta ao chimpanzé não é a aptidão cerebral, mas sim a aptidão glótica e o estímulo social para dispor de um sistema de comunicações mais rico do que aquele que é suficiente para sua existência *hippie* na floresta. Mas, ainda mais do que o fato de estar apto a utilizar de modo elementar uma linguagem não-fonética e, evidentemente, não-alfabética, verificou-se que o jovem chimpanzé, em razão do próprio uso dessa linguagem, manifestava duas qualidades que se consideravam firmemente próximas da cultura e da inteligência humana: a consciência de sua própria identidade e o exercício da computação. Um filme, feito pelos Gardner, revela o primeiro ponto. Washoe divertia-se muito com um espelho; um dia, a assistente dos Gardner perguntou-lhe, por gestos, apontando para a imagem do espelho: “Quem é?” e Washoe respondeu: “Eu (dedo apontado para o peito), Washoe (gesto de carícia sobre uma das orelhas, significando convencionalmente Washoe).”

Por seu lado, Gallup (1970) confirmava a descoberta de um modo engenhoso. Deixava os chimpanzés olharem-se num espelho e, depois, adormecia-os e sujetava-lhes as faces. Quando despertava, cada animal levava as mãos ao rosto logo que lhe estendiam um espelho.

Uma e outra destas experiências, tomadas isoladamente, podem ser suspeitas de constituir um acaso selecionado por pesquisadores demasiado ávidos de demonstrar sua tese ou de ser o resultado mimético de um comportamento sugerido pelos experimentadores. Mas sua convergência já nos autoriza a pôr em questão o dogma que reserva apenas ao homem não somente a consciência de sua própria identidade, mas também a ligação entre o ego subjetivo e a imagem objetiva de si próprio.

Além do mais, Premack, introduzindo no diálogo, por sinais gráficos, os símbolos da identidade, da equivalência, da diferença, do mais, do menos, da afirmação, do possível, do impossível, podia ver Sarah efetuar operações lógicas em problemas apresentados por objetos empíricos, isto é, manifestar, ao mesmo tempo, pensamento e conhecimento. O “eu” de Washoe e o “eu penso” de Sarah constituem, assim, uma vez ligados, um extraordinário *cogito simiesco* “eu, eu penso”. É bem verdade que o macaco, só por si, não poderia ter operado este *cogito*, para o qual era necessário o auxílio tutelar do homem. Mas, depois, o macaco dirige-nos uma mensagem preeexistente a esse auxílio: “Eu, eu sou capaz de pensar.”

dura e da emboscada, das armas/rudimentares/ e polivalentes às armas bem acabadas e especializadas.

A caça intensifica e complexifica a dialética pé-mão-cérebro-instrumento, é qual, em compensação, intensifica e complexifica a caça. Esta dialética traz consigo o desenvolvimento técnico que afina e diversifica a arma e o instrumento, melhorando a construção de abrigos. Cerca de 700 a 800 mil anos antes da nossa era, a utilização do fogo é iniciada. O fogo não deve ser concebido apenas como uma inovação que aumenta o conhecimento prático geral e torna possível a utilização técnica do material lenhosso. Trata-se de uma aquisição de alcance multidimensional; a pré-digestão externa pelo assado alivia o trabalho do aparelho digestivo; ao contrário do carnívoro que adormece pesadamente depois de devorar a presa, o hominídeo, senhor do fogo, pode estar em forma e alerta depois de ter comido; libertando a vigília, o fogo também libertou o sono; o fogo é a segurança noturna dos caçadores em expedição, bem como das mulheres e crianças que ficam no abrigo sedentário; o fogo cria o lar, lugar de proteção e de refúgio; o fogo permite o sono profundo do homem, ao contrário dos outros animais, cujo sono é sempre marcado pelo alerta. É bem possível, também, que o fogo favoreça o desenvolvimento e a liberdade do sonho ...

Além disso, o assado favorece as novas mutações hominizantes que reduzem os maxilares e a dentição e, libertando a caixa craniana de uma parte de suas sujeições mecânicas, permite o aumento do volume do cérebro. Completa e amplia a dialética mão-instrumento, que favorece o desenvolvimento cerebral, tanto no plano filogenético quanto no plano da *praxis* fenomenal.

E, enfim, no plano social que o desenvolvimento da caça e suas consequências representam um papel transformador. Acompanham uma sociogênese que dissocia o modelo social hominídeo do modelo das sociedades de primatas mais avançadas e constitui um novo tipo de sociedade, a que chamaremos, aqui, a paleossociedade.

2

A Sociogênese

ENQUANTO, POR UM LADO, há vestígios anatômicos e tecnológicos que se acumulam e permitem seguir a evolução física da espécie, presumir um desenvolvimento mental que é confirmado pelos aperfeiçoamentos dos instrumentos, não dispomos, por outro lado, de qualquer vestígio direto de organização social no que se refere à hominização. Ainda há bem poucos anos, só dispúnhamos do ponto de referência, demasiado tardio, das sociedades arcaicas de *homo sapiens* que subsistiram até nossos dias. Enriquecemos-nos, depois, com indicações cada vez mais numerosas sobre as sociedades mais avançadas de primatas, isto é, sobre uma imagem do que poderia ter sido a sociedade pré-hominídea. Entre esses dois promontórios, temos o abismo imenso. Mas, entre esses dois pólos sociais, podemos, então, tentar situar *conjointamente* restos anatômicos, craniânicos, tecnológicos e cinegéticos como indícios de organização social, à maneira da paleontologia natural que, partindo de fragmentos de ossos, permite reconstituir por suposição o organismo em função das regras de organização do esqueleto. Não se trata de reconstituir por esqueleto de sociedades, partindo de um esqueleto hominídeo; trata-se, sim, de considerar o conjunto dos vestígios fósseis, incluindo o esqueleto hominídeo, bem como os indícios fragmentários de uma organização social. Estamos convencidos de que um futuro muito rico se abre à sociologia pré-histórica, que será capaz de reconstituir um conjunto de características sociais com base num fragmento ou num vestígio. Atualmente, a teoria sociológica ainda é tão incerta e tão arbitrária que ameaça induzir-nos no difuso ou no erro. Todavia, dado que dispomos de uma base complexa (a sociedade avançada dos primatas), dado que podemos susputar as consequências da transferência,

ecológica dessa sociedade para a savana, dado que podemos tentar relacionar os índices de complexidade cerebral, de complexidade técnica, de complexidade cinegética, dado que podemos imaginar as sujeições e as aberturas que a organização coletiva de caza determina sobre a sociedade, finalmente, como o veremos, que uma sociedade cuja complexidade já implica uma cultura necessariamente antes do sapiens (ver, mais adiante, subcapítulo "O aparecimento da cultura"), podemos tentar esboçar uma figura no movimento: a linha sociológica de formação e de desenvolvimento de uma sociedade hominídea (paleossociedade). Este esquema "ideal" comporta lacunas, simplificações, erros e, naturalmente, não pode situar em etapas cronológicas os desenvolvimentos lógicos de que vamos falar.

As sociedades de chimpanzés da floresta são fraccamente centralizadas. A sociedade de babuínos da savana do Kalahari (De Vore) é um bando militarizado, desloca-se em massa, com as fêmeas no centro do grupo, levando seus filhos nas costas, sob a liderança do chefe no qual todos têm a atenção fixa; é enquadrada por machos adultos, com os mais robustos na frente e na retaguarda, os jovens avançando nos flancos. Esta tropa é ainda mais militarizada pelo fato de não ter armas: sua única arma é a defesa coletiva. O homemida, não "escolheu" este sistema. Será a herança de uma sociedade de floresta próxima da do chimpanzé que ele desejar ou conseguiu manter? Será o individualismo de um ser bem mais complexo do que o babuíno? Não será, antes, com uma tal herança, e um tal "individualismo", a necessidade de conciliar, ao mesmo tempo, a caza dispersa, sem as fêmeas, e a autodefesa coletiva do conjunto do grupo social? De todos os modos, a estrutura social dos primeiros hominídeos, como vamos ver, deve ter sido, simultaneamente, descentralizada e centralizada, permitindo, ao mesmo tempo, dispersão e reunião, praxis coletiva e iniciativa individual.

Ainda é mais profundamente que a caza, ao desenvolver-se, vai causar uma reestruturação da sociedade primática. A sociedade dos primatas mantinha no mesmo espaço os machos e as fêmeas, com os jovens afastando-se somente para a periferia vizinha. A sociedade hominídea viria a separar ecológica, econômica e culturalmente os sexos, que, a partir de então, seriam duas quase-sociedades em uma. A unidade seria assegurada, ao mesmo tempo, pela nege-

monia, já não só social, mas também política, técnica, e cultural, da bioclasse masculina e, ainda, por novos modos de comunicação e de organização que compensam a dispersão dos caçadores no terreno e a divisão da sociedade em dois núcleos.

Enquanto a caza leva os homens cada vez mais longe, a maternidade, por seu lado, conserva as mulheres nos abrigos, à exceção dos babuínos em cujas sociedades as fêmeas vão com o grosso do bando, com seu filho às costas. As crianças bimanas não podem, como os pequenos quadrúmanos, agarrar-se nas costas de sua mãe e a prolongar da fase infantil viria a fazer com que as mulheres se dedicassem cada vez mais aos cuidados maternais. Permanecendo sedentárias, as mulheres passam, então, a dedicar-se também à forragem e à colheita, cuidando das necessidades vegetais do grupo. Uma dualidade ecológica e econômica instala-se, a partir de então, entre homens e mulheres.

A Classe Dominante

Paralelamente, a casta dominante dos machos transforma-se em classe dominante dos homens. Entre os machos sociais, a intolerância entre machos só podia ser vencida na e pela hierarquia da categoria e não por uma cooperação estritamente limitada à defesa do grupo. A hominização viria a operar um progresso radical recalçando a intolerância do macho por meio da solidariedade masculina e projetando sobre a organização da própria vida social uma cooperacão desenvolvida pela caca.

A cooperação cinegética implicaria cada vez mais uma organização coletiva para a escolha do terreno, a premeditação do ataque, a sincronização dos movimentos estratégicos, o desenvolver de um programa de operações tanto preparado quanto improvisado e, finalmente, a divisão do produto da caccia. A repartição deste produto, especialmente no caso de resultados magros ou de grandes pegas, apresentava problemas-chaves que só podiam ser solucionados pelo estabelecimento de regras de distribuição. Ao que parece, foi aqui que triunfou a solidariedade dos homens e que nasceu um modelo coletivista em que o produto da caccia, bem de todos, é repartido, em seguida, por todos de um modo mais ou menos igualitário, com vantagem, sem dúvida, em favor do chefe ou daquele que abateu o animal.

Depois, os elos da ação coletiva, os das regras de participação misturam-se com os elos de amizade num retículo muito denso de solidariedade “entre homens” (Tiger, 1971). Duas correntes vão confluir para constituir a nova “fraternidade viril”: por um lado, as longas relações de homem para homem nos perigos, nas provas, nos triunfos vividos juntos; por outro lado, os processos da juventilização (ver Capítulo 3, mais adiante), que prolongam além da adolescência as amizades juvenis já presentes entre os jovens chimpanzés. A isto, podemos acrescentar, causa e efeito ao mesmo tempo, as homossexualidades latentes ou praticantes, que alimentam a amizade. Assim, solidariedade, cooperação, amizade e afeição entre homens vão recalcar os caracteres, ainda dominantes entre os primatas, da intolerância e da evitação. A hierarquia minuciosa, da categoria, entre os antropóides superiores, que reabsorvia e utilizava a intolerância entre machos, dá lugar a uma classe de “iguais”. Evidentemente, há desigualdades entre os iguais, *umas de facto*, outras já quase de *jure* (o chefe, os anciões); as intolerâncias, é claro, sobrevivem sob a forma de antipatias, brigas, disputas, entre indivíduos; os antagonismos, é claro, provocam contestações e as contestações, por sua vez, provocam antagonismos. Mas a autoridade coletiva masculina está presente, para acalmar e colmatar essas perturbacões, que permanecem apenas como centros eruptivos esporádicos no fundo sociológico e a solidariedade de classe¹.

Na verdade, sem dúvida, é uma classe de homens solidários que se forma através da aventura cinegética da hominização, enquanto as mulheres permanecem uma “cama-dá” social em que a ajuda mútua, esta sempre subordinada à fidelidade específica e essencial às crianças e, eventualmente, ao macho.

A partir de então, é uma extraordínaria diferenciação sociológica que se cava e que se torna diferença cultural

¹ Foi muito mais tarde que se verificou o estabelecimento das regras referentes à distribuição sexual, isto é, referentes às fêmeas e aos jovens, que permitiria controlar socialmente a fonte primeira e profunda das tensões entre machos. Conforme veremos mais adiante (p. 164), a constituição das regras do casamento e da exogamia parecem-nos constituir uma contribuição própria ao *homo sapiens*. Assim, não são regras de parentesco, mas sim, regras da distribuição econômica (das quais as regras do parentesco seriam um desenvolvimento e uma generalização) que constituem a *primeira lei sócio-antropológica*.

entre a classe dos homens e o grupo das mulheres. O masculino e o feminino desenvolverão, cada um, sua própria sociabilidade, sua própria cultura, sua própria psicologia, com a diferença psicocultural agravando-se e complificando a diferença fisiocultural. Ao homem caçador, nômade, explorador viria a opor-se a mulher terna, sedentária, rotineira, pacífica. Duas silhuetas aparecerem na paisagem hominídea: a do homem ereto empunhando sua arma, enfrentando o animal; a da mulher curvada sobre a criança, ou colhendo o vegetal.

Com isto, é uma nova dominação de classe, desconhecida entre os macacos, que se estabelece. Dispõndo do monopólio da arma e da técnica da pedra, dispõndo do saber e da prática na savana extraterritorial hostil, dispõndo do princípio de organização coletiva, dispõndo, em resumo, do poder e do conhecimento, a classe dos homens apropriar-se do governo e do controle da sociedade, impondo às mulheres e aos jovens sua dominação política, que ainda não cessou. Nas sociedades primárticas, os jovens e os subordinados eram identificados a fêmeas e podiam ir até apresentar seu posterior em sinal de submissão. Na sociedade hominídea, as mulheres tornam-se menores sociais, políticas, econômicas e culturais.

Temos aqui, sem dúvida, o primeiro modelo de dominação de uma classe sobre outra (Lévi-Strauss, 1967; Moscovici, 1972) e, ainda mais profundamente, o primeiro modelo de dominação de uma classe sobre o conjunto da sociedade, isto é, pré-constituição de um poder político que, nas sociedades históricas, viria a ser Estado. Mas trata-se, também, do modelo da relação homem-mulher, que se reproduz fundamentalmente desde essa época e que se instalou na infra-estrutura das sociedades históricas até nossos dias.

Assim, já podemos ver uma primeira modificação fundamental entre a sociedade primática e a paleossociedade. Esta é, ao mesmo tempo, mais coletivizada, menos hierarquizada, porém mais dominada na sua organização masculinina, muito mais complexa na diferenciação masculina-feminina. A sociedade hominídea conserva, modificando-o, o princípio de dominação/hierarquia da sociedade primática. Mas o que ela traz de novo é um princípio cooperativo/ocialista de organização. Engels tinha razão ao salientar seu caráter radical, tendo apenas subestimado o caráter ainda mais enraizado do outro princípio. A partir de então, já

existem os dois princípios fundamentais, cujas combinações e conflitos marcam toda a história humana.

A Juventude sem Classe

O desenvolvimento da juventilidade viria a assinalar cada vez mais o curso da hominização. O tempo biológico da infância e da adolescência aumenta. Poder-se-ia pensar que esse processo favoreceria não só a autonomia do grupo adolescente, tal como entre os macacos superiores, mas também o aparecimento de uma classe juvenil. Todavia, o novo contexto social está longe de ser favorável à constituição de uma tal classe. Por um lado, o cordão umbilical afetivo mantém a infância cada vez mais prolongada na órbita maternal. Por outro lado, principalmente entre os jovens rapazes, o período de aprendizado das armas, das técnicas, da organização social, deve ser efetuado sob a orientação dos adultos. O aprendizado, que já os culturiliza, coloca-os sob a dependência da classe dominante. Além do mais, há ligações pessoais que se criam, durante a caça, entre jovens e adultos e, talvez em especial, entre o filho e o marido da mesma mulher, o que esboçaria psicologicamente a paternidade, antes de ela ser reconhecida sociológica e genitalmente.

É certo que os grupos, os bando, as afinidades de jovens já existem, mas a "classe" dos jovens ainda está inacabada: ainda muito ligada ao universo das mães no início da adolescência, já muito ligada à classe dos adultos durante ou no final da adolescência. Os jovens, sob a dependência dos adultos, só podem escolher entre exclusão ou submissão: não é permitida uma liberdade institucional. Assim, operando uma ruptura no processo natural da adolescência, rejeitando para a infância os mais jovens e colocando sob sua tutela os outros, separando desde então os jovens por sexos, controlando os adolescentes por iniciação tecnológica, cinegética, sociológica², a classe masculina adulta estende sua dominação geral e seu poder organizador sobre o conjunto da sociedade, na qual as outras categorias biossociais não se podem auto-organizar em

² E, mais tarde, com o *sapiens*, provavelmente, também mágico-religiosa (o "rito de iniciação" que se opera entre 10 e 14 anos sob o controle total dos adultos e que, fazendo entrar bastante cedo o jovem no universo dos homens, consolida a dominação geral da classe masculina).

classes. É uma sociedade de classe, em que há apenas uma classe biosocial, que reina sobre camadas biossociais.

A classe adolescente é quebrada, antes de nascer; mas as virtudes juvenis estão vivas e progridem na sociedade; os jovens hominidas, durante mais tempo do que os jovens antropóides, brincam, exploram, são atraídos pelo que é novo. Assimilando os conhecimentos e as práticas adultas, podem contribuir com modificações, zombeiros, inovações. São eles, provavelmente, que, brincando com pedras e com sons, acenderam o fogo e inventaram a palavra.

Assim, a semi-socialização dos jovens e suas relações com os adultos permitem à sociedade beneficiar-se diretamente das inovações e das descobertas. Além disso, certas características da adolescência, como a amizade, o prazer do jogo, o gosto pelo novo, até mesmo a aptidão inventiva, são mantidas cada vez mais na idade adulta e a juventilização torna-se um fenômeno antropológico. Os jovens são "integrados", "recuperados", mas suas virtudes, que eram marginais entre os antropóides, irrigam a sociedade.

Da Ecologia à Economia

A organização da paleossociedade, segundo o esquema que apresentamos, supõe, partindo da relação ecológica, a emergência de uma economia.

Se a economia é o sistema organizador que diz respeito à extração dos recursos, à sua distribuição, ao seu consumo, é evidente que as sociedades primatas não dispunham de economia: a extração dos recursos ainda não era socialmente organizada, a não ser em alguns momentos esporádicos de caza coletiva; não era, nessas sociedades, tecnologicamente determinada, e o consumo efetuava-se ao acaso sem que houvesse outras regras que, não fossem a prioridade do chefe, o presente amigável, amoroso ou servil.

A sociedade hominídea, por outro lado, constitui sua economia organizando e tecnologizando suas duas *práticas* ecológicas, da caza e da colheita, que se transformam em práticas econômicas. São diferenciadas, uma e outra, pela primeira divisão do trabalho que estabelece a delimitação sócio-econômica entre homens e mulheres.

À prática da caza já é altamente organizada: ao modo coletivo da "produção", isto é, da busca da caza, acrescen-

tam-se regras coletivas de repartição, isto é, de distribuição e de consumo, que se aplicam, afinal, aos recursos principais de toda e qualquer sociedade, de onde surgiu a conjunção surpreendente de uma "sociedade de classe" primitiva organizando um "comunismo" primitivo a partir dessas regras internas de solidariedade.

A economia emerge, portanto, com as regras de automatização da sociedade, ligadas à *praxis* ecológica (isto é, a divisão institucional do trabalho, as regras socializadoras, até mesmo "socialistas" da repartição dos recursos, a reprodução do capital tecnológico por fabricação das ferramentas e aprendizado do saber e das práticas pelos jovens).

Assim, esboça-se, com tais regras, um primeiro sistema econômico. Sem ele, a coesão e a complexidade social desmoronam-se... Estas regras não servem apenas para manter a complexidade adquirida, também a autoproduzem de modo permanente. Deste modo, a economia não é apenas um setor específico que tem por objetivo a produção de recursos e ainda mal é um sistema especializado de produção de artefatos. É bem mais do que uma organização da sobrevivência, pois uma sociedade pode sobreviver sem economia, como o fizeram, sem dúvida, as primeiras sociedades de australopitécos, e podemos ver que o fundamento original da economia não é a "produção" dos recursos, que é pré-econômica, mas sim a organização da relação ecológico-social segundo um modo autotprodutor de complexidade social. E verdadeiramente um modo de organização/produção de alta complexidade. A organização social, partindo de um certo nível de complexidade, gera, assim, como cultura no sentido elevado do termo, que vamos definir em algumas páginas.

A Paleolinguagem

Já sabemos, hoje, que a constituição de um vasto repertório de palavras e de uma sintaxe elementar não está mais fora do alcance do cérebro de um chimpanzé do que 3 Nada existe que nos possa indicar se este modelo cooperativo-distributivo se aplica à colheita, e à forragem pelas mulheres ou se estas atividades são confiadas à iniciativa individual, mas é possível que, em dado momento, o modelo organizador masculino seja aplicado ao conjunto das atividades econômicas.

o exercício de uma lógica capaz de ligar agentes/agções/atributos e de computar a identidade, a diferença, a exclusão (Gardner, 1969, e no prelo; Premack, 1970, e no prelo). Aquilo que falta ao chimpanzé é uma complexidade social que requer uma linguagem mais rica, do que a da mímica e dos chamados, bem como a aptidão glótica para utilizar uma vasta gama de sons.

A comunicação fonética está muito pouco desenvolvida entre os primatas, onde ela constitui um *call system* limitado no seio de uma semiótica gestual e postural. O homem, do ponto de vista vocal, está mais próximo dos pássaros e, para que tenha havido possibilidade de linguagem, era preciso:

- 1.º) Mutações genéticas, as quais, talvez separadamente, talvez simultaneamente, rearranjam a caixa craniana, dão-lhe aptidões acústicas e, desenvolvendo o cérebro, dispõem nele um centro organizador próprio para a linguagem (*homo erectus*?).
- 2.º) Uma complexidade crescente da organização social requerendo cada vez mais comunicações.
- 3.º) Uma relação mutua e uma interação entre essas duas ordens de fenômenos.

Podemos supor que, para os primeiros homínidas, um *call system* era, ao mesmo tempo, necessário e suficiente, isto é, um repertório de sons modulados capaz de permitir a comunicação a distância, entre as ervas altas, e uma comunicação elementar entre os membros da ciedade para indicar as ações, os agentes, as qualidades e os objetos necessários à sua prática.

Mas é com a eclosão da paleoassociedade, ou seja, entre 800 e 500 mil anos antes da nossa era, que se tornou necessária uma linguagem tanto mais rica quanto mais aberta.

"A caga coletiva, a repartição do alimento, o transporte de uma crescente variedade de coisas, tudo isso fazia pressão para uma organização social mais complexa, que somente é possível com uma comunicação mais flexível" do que um *call system*. (Hockett and Asher, 1964.) Isto, de resto, já fora fortemente sugerido por Etkin (1954).

O desenvolvimento da caga, na verdade, requer a designação de objetos muito diversos, de lugares, plantas, animais, a indicação de numerosas ocorrências e ações,

a distinção de qualidades múltiplas. A estratégia cínegetica comporta a constituição de sequências lógicas de operações articuladas e modificáveis, cada uma delas seguindo os avatares da precedente, o que fornece à linguagem a corrente intelectual que permite o sintagma. Além disso, é o conjunto da comunicação no seio de uma sociedade tornada mais complexa que postula o desenvolvimento de uma linguagem: as regras organizacionais elaboradas pela classe dominante, a necessidade de comunicação entre as duas quase-sociedades e entre os três universos, homens/mulheres, mulheres/filhos, jovens/adultos; podemos mesmo pensar que a relação maternal prolongada com a criança, bem como as relações ao mesmo tempo lúdicas e de aprendizado dos jovens, constituem dois outros focos de linguagem, os quais se enriquecem uns aos outros.

Finalmente, não devemos esquecer o desenvolvimento das relações interpessoais de interesse por outrem e de amizade*: não se trata somente de uma sociedade mais complexa que precisa de intercomunicação; trata-se, ao mesmo tempo, de indivíduos mais complexos que precisam de intercomunicação e que vão suscitar, desenvolver a necessidade de falar, isto é, simplesmente comunicar, com o meio tornando-se, de modo já incluihiano, a mensagem e até a massagem (no sentido em que as palavras acariciantes substituem o *grooming* ou se somam a ele). Assim, a linguagem é postulada pela multiplicação das relações internas e externas, coletivas e individuais. Como podemos, então, imaginar o aparecimento de uma linguagem fonética mais rica do que o *call system* — e que linguagem?

Hockett e Asher imaginaram astuciosamente um processo em duas etapas, uma vez que, saturado, o *call system* já não era capaz de inventar novos sons que pudessem diferenciar-se uns dos outros. Primeiramente, a pressão de complexidade provoca a passagem desse sistema fechado para um sistema aberto que permite uma combinação de chamados com várias propriedades acústicas. Assim, supondo que os chamados do sistema fechado, tal

⁴ A experiência de Washoe, aqui, é muito sugestiva. O aprendizado de Washoe supunha uma alta complexidade social dada adiantadamente, bem como um sistema de sinais preestabelecido. Todavia, também supunha uma relação de amizade com seus interlocutores e um interesse de Washoe pelo seu meio ambiente, isto é, *ter coisas a dizer a alguém*.

como os dos pássaros (que talvez tenham sido imitados na origem por jovens "encantados*"), têm várias propriedades acústicas, podemos encarar, por exemplo, o seguinte processo: seja um chamado ABCD significando alimento e um chamado EFGH significando perigo, ABGH pode, então, significar alimento e perigo, CD significar não-perigo e EF não-alimento. O sistema aberto permite, assim, multiplicar "pré-morfemas" e associá-los para descrever situações diversas.

Mas as possibilidades de combinação desse sistema aberto, por si próprias, eram limitadas e, quando houve de novo saturação acústica, tornou-se necessário dar novo salto evolutivo, isto é, constituir um metassistema em que os pré-morfemas deixariam de ser *gestalt* para se tornarem unidades de som ou fonemas, que se combinariam para formar as palavras e que se ordenariam segundo o princípio hierárquico e lógico da dupla articulação.

Este sistema de dupla articulação é tão notável que já se disse que é a linguagem e não o homem que é singular. Todavia, na realidade, por mais diferente que seja, por sua natureza, suas funções e suas características específicas, o código genético também é um sistema de dupla articulação, ou seja, uma hierarquia em que um sistema constitui um repertório de características distintivas sem especificação em si mesmas com o auxílio das quais se pode combinar um número infinito de enunciados. Isto não significa, que o cérebro humano tenha transferido alquimicamente, para o nível da linguagem, o sistema fundamental da organização celular e orgânica do ser vivo (o contrário também não poderia ser afirmado formalmente).

Isto significa, na realidade, que a linguagem humana, como sistema, pode reduzir-se a um tipo fundamental de organização quando há necessidade conjunta de uma estrutura hierárquica, em vários níveis (isto é, de uma rica complexidade) e de *uma organização discursiva*. A linguagem de dupla articulação, portanto, nada teria de miraculoso, a não ser o próprio milagre inherente a toda e qualquer constituição de metassistema. Apesar disso, não pode deixar de ser considerado extraordinário. Com efeito,

⁵ Gostaríamos de abrir o problema da antropologia do canto, que surge, sem dúvida, na origem vocal e que, praticado em todas as sociedades, seria como que um regresso permanente às fontes da linguagem...

constitui o primeiro sistema: discursivo altamente complexo que emergiu além da própria organização biótica e abre o caminho para uma prodigiosa complexidade antropológica, cerebral, individual, social, a qual, por si, está longe de se esgotar e saturar... Disporia o australopiteco do *call system* fechado? Contaria o Man 1470 com o sistema aberto? Terá sido o *homo erectus* que inventou o sistema de dupla articulação ou terá este esperado um dos seus sucessores? D'Aquili (d'Aquili, in Katz, no prelo) defende a tese de que a lavra foi dada ao *homo erectus*, cujas marcas internas do crânio mostram claramente um desenvolvimento da segunda circunvolução temporal, da circunvolução frontal inferior e do lobo parietal inferior. E, dado que as sociedades mais arcaicas conhecidas dispõem todas de uma linguagem cuja complexidade de estrutura é igual à nossa, é permitido pensar, agora, não só que, 500 mil anos antes do *sapiens*, uma paleolinguagem já emergira, própria a assegurar a intercomunicação no seio de uma sociedade já muito complexa e a acunular sua cultura, mas também que o desenvolvimento da complexidade sociocultural e do cérebro, depois do *homo erectus*, possuam conjuntamente o aparecimento do sistema de dupla articulação antes do *homo sapiens*. Isso não significaria que tudo já fosse gramaticalmente realizado e, além disso, que falteria, à palavra, a lógica do imaginário e a das idéias abstractas, isto é, a possibilidade de formular mitos e teorias. Todavia, isso quer dizer que é mais sensato pensar que foi a linguagem que criou o homem e não o homem a linguagem, desde que se acrescente que o *homínida criou a linguagem*.

Assim, a linguagem já não é apenas o instrumento da comunicação e, mais amplamente, da organização complexa da sociedade. Transforma-se, também, no capital cultural portador do conjunto dos conhecimentos e das práticas da sociedade. Desse modo, fechase uma nucleação cultural integrada no sistema social.

O Aparecimento da Cultura

Chegamos, aqui, à noção-chave cuja definição foi sempre demasiado fundamental (oposição à Natureza) ou, então, demasiado superestrutural.

⁷ Nas sociedades primárias mais avançadas, a complexidade social, conforme já vimos, perpetua-se a partir da combinação de disposições, até mesmo de comportamentos inatos, da ação das inter-relações entre indivíduos e grupos (em especial relações de dominação/subordinação), de aprendizados miméticos no seio da sociedade; tais aprendizados podem constituir emergências protocolares, mas estas são secundárias no sentido em que não modificam radicalmente a complexidade social proveniente da auto-organização "natural" de que acabamos de falar. Por outro lado, a mais rica complexidade da sociedade hominídea necessita, pelo menos a partir do *homo erectus*, primeiramente para se manter e, depois, para se desenvolver, de um conjunto de informações estruturadas segundo regras, informações e regras essas que não são inatas geneticamente no indivíduo e que também não resultam da simples ação das interações entre indivíduos e grupos. Por outras palavras, a cultura constitui um tema gerativo de alta complexidade sem o qual essa alta complexidade se desmoronaria para dar lugar a um nível organizacional mais baixo.

Neste sentido, a cultura deve ser transmitida, ensinada, aprendida, isto é, reproduzida em cada novo indivíduo no seu período de aprendizado (learning) para poder autorreplicar-se e perpetuar a alta complexidade social. Efetivamente, cada criança do sexo masculino forma-se através de um ciclo que a faz integrar culturalmente a sociedade passando pela cultura feminina (através da sua relação com a mãe), pela cultura juvenil na medida em que esta tem regras próprias e, finalmente, pela cultura masculina adulta. O sistema permite, assim, através da infância e da juventude, a reprodução do capital cultural e do modelo social, completo para o homem⁶, incom-

⁶ Ao tornar-se adulto, o homem "recalca" a cultura feminina e a cultura juvenil que ele viveu, mas esse recalque não é necessariamente permanente e total. Assim, talvez desde a sociedade hominídea, mas cada vez mais nas sociedades evoluídas e modernas, venha surgir no homem aspectos femininos e aspectos juvenis. Venos um ser de complexidade instável, capaz de passar da dureza sem misericórdia do caçador-guerreiro à docilidade, à piedade da parte feminino-materna que ele conserva em si (e isto atualiza a parte genético-endocrínica feminina que todo homem tem em si). Não restam dúvida, em nossa opinião, de que o homem "se humaniza" desenvolvendo sua feminilidade genética e cultural, tal como

plete para a mulher, que se encontra culturalmente confirmada na sua subordinação.

Deveremos diferenciar, aqui, a *reprodução* da cultura em cada indivíduo, pela qual a cultura se autoperpetua ou, melhor, se *autoprodus permanentemente* (como, por exemplo, um organismo biológico se autoperpetua automaticamente produzindo pela reprodução de novas células que substituem as células mortas), da *auto-reprodução* da cultura, que é a reprodução de uma nova sociedade a partir de uma colônia de jovens culturalmente formados que se separa da antiga (como, por exemplo, a auto-reprodução por cissiparidade de uma bactéria). É por esse tipo de auto-reprodução social que os grupos sociais se multiplicam partindo de um tronco comum. Ora, a multiplicação das sociedades altamente complexas só conseguiu realizar-se partindo dessa auto-reprodução cultural e foi assim que as sociedades hominídeas do *homo erectus* puderam estender-se pelo Mundo Antigo mantendo sua alta complexidade. Acrescentemos aqui, como lembrete, que, através dessa auto-reprodução social, se puderam operar variações, as quais permitem uma diversificação cultural partindo do mesmo tipo, e que é na ação dessas diversificações que se podem operar regressões, mas também progressões da complexidade.

Deveremos conceber, por certo, que a cultura não repousa sobre o vazio, mas sim sobre uma primeira complexidade pré-cultural, que é a da sociedade dos primatas e a que desenvolveu a sociedade dos primeiros homínidas. A técnica e a primeira linguagem apareceram, então, como produtos de uma evolução para a alta complexidade. Aqui, devemos integrar a técnica na economia social que se desenrola da ecologia social e, também, integrar a linguagem na comunicação social que se complexifica com a complexificação da organização social. Assim, os novos principios de organização e de economia devem ser considerados culturais no sentido mais profundo do termo; constituem informação organizacional ou, se quisermos usar outras palavras, regras generativas. Assim, logo que essa cultura se fecha em circuito autoprodutor e auto-reprodutor (por transmissão e aprendizado), a cultura torna-se desenvolvendo a juvenilidade na sua vida adulta. Esta humanização, certamente, está longe de se ter realizado, nos nossos dias, ainda que esteja emergindo, agora, como uma necessidade cultural profunda de nosso desenvolvimento contemporâneo.

não só produto altamente complexo, mas também produtora de alta complexidade. A cultura não é primeiramente a infra-estrutura da sociedade, *eia torna-se infra-estrutura da alta complexidade social*, o núcleo gerador da alta complexidade hominídea e humana.

Desse modo, uma prodigiosa morfogênese produziu um aparelho que se tornou, também ele, automaticamente morfogenético. A sociedade torna-se, então, um sistema fenomenal dotado de um aparelho gerador/regenerador: a cultura. Com a regressão dos comportamentos inatos no *sapiens*, a cultura vai orientar níveis de complexidade menos elevada que se autoproduzem fenomenalmente na sociedade dos antropóides e podemos supor que, se deixássemos filhos de homens nus e sem educação numa ilha deserta, eles seriam incapazes de reconstituir uma sociedade de complexidade igual à dos chimpanzés.

Isto não significa que a cultura substitui o código genético. Ao contrário, o código genético do homínida desenvolvido e, principalmente, do *sapiens* produz um cérebro cujas possibilidades organizadoras são cada vez mais aptas à cultura, isto é, à alta complexidade social. Mas a cultura constitui, a partir de enfão, para a sociedade, um centro (epigenético) dotado de relativa autonomia, tal como o próprio cérebro, do qual ela não pode ser dissociada, e a verdade é que ela contém em si informação organizacional que será cada vez mais rica. Isto é o mesmo que dizer que a cultura não constitui um sistema auto-suficiente, já que precisa de um cérebro desenvolvido, de um ser biologicamente muito evoluído: neste sentido, o homem não se reduz à cultura. Todavia, a cultura é indispensável para produzir o homem, isto é, um indivíduo altamente complexo numa sociedade altamente complexa, a partir de um bipefe nu cuja cabeça se vai dilatar cada vez mais.

A paleocultura já é muito rica. Comporta os usos e os interditos que correspondem às regras de organização da sociedade, uma variedade de conhecimentos técnicos para a produção das ferramentas e das armas, uma gama de práticas que já constituem artes muito diferenciadas e requintadas, pois há uma arte da armadilha, da detecção, da espreita, da execução, do corte da presa etc., para cada tipo de animal caçado e, enfim, uma verdadeira enciclopédia de conhecimentos sobre o meio ambiente, o tempo, as estações do ano, os animais, as plantas, os peixes, os

afrodisíacos, as ervas perigosas, curativas, comestíveis, em resumo, uma medicina, sem dúvida uma cirurgia, os moldes de cozinhar, incluindo receitas culinárias, os cuidados específicos a dar aos recém-nascidos. Já existe um considerável tesouro cultural feminino, que, frutificando no decorrer de milênios e milênios, será de um alcance civilizador imenso.

A paleocultura será cada vez mais enriquecida, recoberta, ultrapassada pelos desenvolvimentos socioculturais ulteriores. E a estrutura de base sociocultural, ou seja, fenomenal-generativa, não só permanecerá, como também, por sua vez, se complexificará. Além do mais, essa paleocultura continuará a perpetuar, fora das condições originárias da caça e da savana, seus princípios organizacionais primeiros.

Assim, certas paleossociedades, tal como, mais tarde, certas sociedades arcaicas, podem retornar à vida de cativeira na floresta, libertar-se mais ou menos da caca, embora conservando as estruturas culturais complexas adquiridas anteriormente pela sociedade dos caçadores... Mais amplamente, uma sociedade que adquiriu uma complexidade num dado meio e uma dada prática pode, graças a seu sistema cultural, conservar essa complexidade adquirida em condições ecológicas e práticas inteiramente novas.

Deste modo, o sistema paleocultural já é um sistema conservador (da complexidade adquirida) que permite o desenvolvimento técnico, lingüístico, socioológico. E, como vamos ver, a partir de certa fase, a cultura torna-se participante da evolução hominizante, até mesmo no plano biológico. A cultura constitui, com efeito, uma estrutura de acolhimento favorável a toda e qualquer mutação biológica, indo no sentido da complexificação cerebral, sobre tudo se, num setor primordial, o cérebro se encontra saturado e já não pode mais ocupar-se de um novo progresso organizacional. A partir de então, todo salto cultural qualitativo para a frente e todo salto cerebral qualitativo, também para a frente, favorecem-se mutuamente e a evolução sociocultural representa, um papel decisivo na evolução biológica que conduz ao *sapientis*.

3

O Nô Górdio da Hominização

Juvenilização Cerebralizante e Cerebralização Juvenilizante

O DESENVOLVIMENTO DA COMPLEXIDADE social exige, por parte do cérebro individual, um conhecimento cada vez mais extenso e preciso do mundo exterior (meio ambiente) e do mundo interior (sociedade), uma memória, cada vez mais ampla, possibilidades associativas múltiplas, aptidões para tomar decisões e para encontrar soluções num muito grande número de situações diversas e imprevistas. Chegou o momento em que o pequeno cérebro dos primórdios homínidas e, depois, do *homo erectus* alcançaram o máximo de suas potencialidades. A partir de então, a pressão para uma complexidade maior só pode agir sobre o filo e, assim, vai favorecer toda e qualquer mutação que aumente as potencialidades do cérebro: este aumento não é apenas o do número dos neurônios do córtex superior, é também o do estabelecimento de conexões entre regiões cerebrais até então independentes, a emergência de novos centros associadores e organizadores: trata-se, globalmente, de uma reorganização sistêmica mais complexa, para o que contribui, justamente, o aumento do número de neurônios.

A pressão de complexidade social em benefício do aumento do cérebro, que acabarão de supor, deve ser integrada numa concepção, por si própria complexa e rica, do desenvolvimento genético desse cérebro. No desenvolvimento genético cerebral, desde os primeiros homínidas até os últimos desenvolvimentos pré-sapienciais, é preciso dialetizar pressão de complexidade e dar a primazia à complexidade. Desde que lá haja um ambiente primeiramente ecológico e, depois, cada vez mais sociocultural,